



---

**A RELAÇÃO ENTRE ECOLALIA-LINGUAGEM E SUJEITO NO AUTISMO: UM ESTUDO DE CASO**

**THE RELATIONSHIP BETWEEN ECHOLALIA-LANGUAGE AND SUBJECT IN AUTISM: A CASE STUDY**

**Isabela Barbosa do Rego Barros**

Doutora em Letras/Universidade Federal da Paraíba  
Professora da Universidade Católica de Pernambuco

E-mail: [ibelabarros@gmail.com](mailto:ibelabarros@gmail.com)

Recife, Pernambuco, Brasil

**Maria de Fátima Vilar de Melo\***

Doutora em Psicologia/Université René Descartes, Paris V, Sorbonne  
Professora da Universidade Católica de Pernambuco

E-mail: [mfymelo@uol.com.br](mailto:mfymelo@uol.com.br)

Recife, Pernambuco, Brasil

**Glória Maria Monteiro de Carvalho**

Pós-Doutora em Linguística/Universidade Estadual de Campinas  
Professora da Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: [gmmcarvalho@uol.com.br](mailto:gmmcarvalho@uol.com.br)

Recife, Pernambuco, Brasil

---

\*Endereço: Maria de Fátima Vilar de Melo

Universidade Católica de Pernambuco, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia.  
Rua do Príncipe, 526, Boa Vista, Recife/PE, Brasil.

**Editora: Dra. Marlene Araújo de Carvalho**

**Artigo recebido em 04/02/2013. Última versão recebida em 26/02/2013. Aprovado em 27/02/2013.**

**Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).**

## RESUMO

A verbalização do autista é considerada como ecológica: uma repetição sem significação de uma parte ou da totalidade do discurso de outrem, descontextualizada, destituída de singularidade. Todavia, por mais de um ano, observamos a linguagem de uma criança autista, submetida a tratamento fonoaudiológico na Associação dos Deficientes de Peixinhos – ADEPE, Olinda, Pernambuco e constatamos modificações na ecolalia caracterizadas por deslocamento de sentido, marcada por alterações nos processos da linguagem (metafórico e metonímico). O movimento de aproximação e distanciamento das verbalizações da criança com o contexto nos permitiu repensar a ecolalia considerando-a, sobremaneira, como germe para constituição da linguagem.

**Palavras-chave:** linguagem; autismo; sujeito.

## ABSTRACT

The verbalization of autism is considered echolalia: A meaningless repetition of a part or all of the speech of others, without context, without change to the structure, devoid of individuality. However, for over a year, we observe the language of an autistic child, who underwent speech therapy at the Association for the Disabled Peixinhos - ADEPE, Olinda, Pernambuco and found changes in echolalia characterized by displacement of meaning, marked by changes in the processes of language. The approach movement and distance of the child's utterances to the context allowed us to rethink the echolalia considering it greatly, as seed for the formation of language.

**Key words:** language; autism; subject.

## INTRODUÇÃO

Este artigo visa a refletir sobre a relação ecolalia-linguagem-sujeito no autismo, a partir de um estudo de caso de uma criança autista que estava em atendimento fonoaudiológico. Este estudo está fundamentado teoricamente na linguística estrutural europeia, representada aqui pelos trabalhos de Saussure e Jakobson, na psicanálise lacaniana e na perspectiva sobre aquisição de linguagem de Cláudia de Lemos.

Dentro do quadro de alterações engendradas pelo autismo, destaca-se a polêmica relativa à linguagem que é percebida como *ausente* ou como ecolálica, provavelmente, em virtude do estigma da patologia. Essa concepção foi estabelecida nos primeiros registros de Leo Kanner, em 1943, cujas publicações iniciais, fundamentadas na linguística estrutural americana, definiam a linguagem como comunicação. Essa definição dificultou a possibilidade de pensar a ecolalia como indício de uma linguagem em constituição. Supomos, assim, que o diagnóstico de ausência de linguagem no autismo estaria relacionado aos recursos teóricos e clínicos da época.

Vale destacar que essa posição de Kanner influenciou direta ou indiretamente os estudos sobre o tema em diversos campos disciplinares. A proposição por nós defendida vai em direção oposta. Muito embora consideremos a ecolalia como reprodução de um dizer, não haveria nela, entretanto, o caráter de fixidez e, dessa maneira, o autista não estaria totalmente alheio à linguagem e, por conseguinte ao outro.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Sobre o autismo

A etimologia da palavra autismo é grega e reporta à condição da criança que vive restrita a si mesma: *autos* significa a si mesmo, de modo que uma criança em estado de autismo parece pouco reagir ou responder ao mundo que a rodeia.

Segundo Kupfer (2000), existe uma disputa diagnóstica que dificulta o avanço dos estudos sobre a psicose infantil e o autismo, o que entrava todo estudo epidemiológico e as trocas científicas, uma vez que os pesquisadores não se referem ao mesmo objeto de pesquisa.

Essa falta de consenso não se restringe a disciplinas distintas, podendo ser encontrada dentro das correntes de uma mesma disciplina. No caso da Psicanálise, Kupfer (idem) lembra que, no tocante à psicose e ao autismo infantil, podem ser citados os estudos de Melanie Klein

e Tustin (acrescentaríamos ainda os estudos de Winnicott) e ainda os autores que compartilham o pensamento de Lacan, dentre os quais a autora destaca Maud Mannoni, Françoise Dolto, Rosine e Robert Lefort. Para nós, é possível acrescentar outros autores dentro da perspectiva lacaniana, como: Bergès, Balbo e Laznik, na França, e Alfredo Jerusalinsky, no Brasil.

A despeito do número de autores envolvidos com essa questão, não existe uma definição unívoca das diversas manifestações desses transtornos. Não há nem mesmo um consenso no que concerne às diferenças entre psicose infantil e autismo infantil, inclusive no que diz respeito a sua etiologia. (KUPFER, 2000)

Muito embora, o artigo supracitado já tenha 13 anos, ele continua atual, uma vez que as questões levantadas pela autora continuam vigorando dentro e fora do campo psicanalítico, como mostram artigos muito recentes. (VORST; WINTGENS, 2013; ZUDDAS, 2013). Nesse sentido, não se pode deixar de citar as polêmicas e as querelas geradas em função das políticas de tratamentos do autismo, que normalmente se baseiam no DSM<sup>1</sup> vigente.

Voltando à discussão realizada no campo da psicanálise freud-lacaniana sobre o autismo, destacamos que García (2009), ao trabalhar a questão do lugar do autismo nesse campo, pontua que Rosine e Robert Lefort, na obra “Nascimento do outro”, datada de 1990, propõe o autismo como uma quarta estrutura psíquica ao lado da neurose, psicose e perversão, anteriormente propostas por Lacan. Os autores reconhecem que o autismo tem uma estrutura específica que compromete a primeira infância, a adolescência e a idade adulta.

Por sua vez, Jerusalinsky (2012) compartilha dessa hipótese, acrescentando que, no autismo, falha a função materna e, na psicose, falha a função paterna, o que seria uma forma de diferenciar as duas entidades.

Consideramos, assim, que o autismo se produz em torno de uma falha na constituição subjetiva da criança, destacando-se os efeitos produzidos sobre a linguagem os quais se configuram como algum tipo de obstáculo ou dificuldade em seu percurso linguístico, conforme é defendido por autores como Laznik-Penot (2004), Balbo e Bergès (2003), entre outros.

---

<sup>1</sup> Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – (DSM) elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria.

### Da língua à linguagem: a perspectiva da linguística estrutural europeia

Antes de passarmos à exposição dos fundamentos teóricos da relação linguagem e autismo, consideramos necessário apresentar sucintamente a concepção de língua que sustenta nossa posição e a posição dos autores com os quais trabalhamos. Essa concepção conforme já anunciada na Introdução deste artigo é ancorada na linguística estrutural europeia, de modo mais específico, nos trabalhos de Saussure e Jakobson.

No Curso de Linguística Geral (doravante nomeado CLG), encontramos duas definições de língua. A princípio, a língua é definida como um sistema de signos. O signo linguístico é, nesse momento, conceituado como uma unidade psíquica composta por um significante - uma imagem acústica - e um significado - um conceito. O elo entre o significante e o significado é arbitrário. “[...] o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade”. (SAUSSURE, [1916] 2006, p.83).

Mais adiante, no tópico que enfoca o valor do signo encontramos:

[...] Tudo o que precede equivale a dizer que *na língua só existem diferenças*. E mais ainda: uma diferença supõe em geral termos positivos entre os quais ela se estabelece; mas na língua há apenas diferenças *sem termos positivos*. Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias, nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema. ([1916] 2005, p. 139). (Grifo nosso)

Em outra obra, Os Escritos de Linguística Geral, editado por Bouquet e Engler a partir dos manuscritos cedidos pela família de Saussure, encontramos a seguinte afirmação:

Declaramos que expressões como A forma, A idéia; A forma e A idéia; O signo e A significação, são, para nós, sinais de uma concepção diretamente falsa da língua. Não existe a forma e uma idéia correspondente; não há a significação e um signo correspondente. Há formas e significações possíveis (nunca correspondentes); há, apenas, em realidade, *diferenças* de formas e *diferenças* de significações; por outro lado, cada uma dessas ordens de *diferenças* (por conseguinte, de coisas já negativas em si mesmas) só existe como diferenças graças à união com a outra (SAUSSURE, 2002, p. 42).

Entretanto essa visão de língua de Saussure é pouco conhecida, tanto em função dos problemas decorrentes da maneira como o CLG foi editado<sup>2</sup>, quanto da prevalência de uma leitura que não dá destaque ao que foi escrito sobre o valor do signo, não dando conta das contradições presentes no CLG. Além disso, ignora outros trabalhos de Saussure, como seu instigante trabalho sobre os anagramas.

<sup>2</sup> A esse respeito, Bouquet (2009) escreveu um artigo bem esclarecedor.

No que concerne às relações entre os signos e ao funcionamento da língua, Saussure assinala, no CLG, que as relações entre os signos estão dispostas em dois eixos: o eixo associativo (também nomeado de paradigmático) e ao eixo sintagmático. O eixo associativo corresponde às relações associativas entre as palavras que conservam algo comum entre si e se agregam na memória dos falantes, compondo grupos.

Essas associações entre as palavras ocorrem *in absentia*, elas se associam na memória e, assim, formam-se os grupos. Já as relações sintagmáticas ocorrem *in presentia*, correspondendo à maneira através da qual as palavras ganham significação dentro de um sintagma, como assinala o autor. Elas se baseiam no caráter linear do signo linguístico, que exclui a possibilidade de se pronunciar dois elementos ao mesmo tempo.

A partir do seu trabalho sobre as afasias, Jakobson (1963) propõe que esses eixos sejam concebidos como processos: o processo metafórico relativo ao eixo associativo e o processo metonímico concernente ao eixo sintagmático. Conforme pode ser lido na citação abaixo:

O desenvolvimento de um discurso pode ser feito ao longo de duas linhas semânticas diferentes: um tema (tópico) leva a um outro, seja por similaridade, seja por contiguidade. O melhor seria, certamente, falar de processo metafórico no primeiro caso e de processo metonímico no segundo. (Tradução nossa) (JAKOBSON, 1963, p. 61).<sup>3</sup>

### Sobre a linguagem e o outro

Apesar de Cláudia de Lemos, em seus estudos, não se dedicar à investigação dos distúrbios de linguagem, seguimos sua proposta, em virtude das discussões realizadas em torno da relação subjetiva estabelecida entre a criança e o outro, durante a trajetória de constituição de linguagem. A produção dessa autora, no que toca a investigação dessa trajetória, é guiada pela interlocução com a Linguística Estrutural, notadamente Saussure e Jakobson (DE LEMOS, 2004) e a psicanálise lacaniana. Nessa perspectiva, torna-se importante, como eixo epistemológico, o sujeito do inconsciente subjacente às proposições daquela autora. (CARVALHO, 2012)

A título de dar maior visibilidade a essas proposições, sublinhamos que o conceito de sujeito do inconsciente elaborado por Lacan:

---

<sup>3</sup> Le développement d'un discours peut se faire le long de deux lignes sémantiques différentes : un thème (topic) en amène un autre soit par similarité soit par contiguïté. Le mieux serait sans doute de parler de procès métaphorique dans le premier cas et de procès métonymique dans le second.

[...] está aí para tornar possível operar com a hipótese do inconsciente sem aniquilar sua dimensão fundamental de não-sabido. (...) Ele não é sujeito no inconsciente, imaginado como um reservatório das pulsões, ele é a própria pulsação, é a fenda onde algo de não sabido – de inconsciente – se abre e se fecha assim que é apreendido pela consciência. O sujeito não é substancial, ele é o momento de eclipse que se manifesta no equívoco. (PORGE, 1996, p.502)

Vandermersch (2009) assinala que, nesse campo, o conceito de sujeito reporta-se àquele:

[...] que Freud descobriu no inconsciente. Esse sujeito do desejo é um efeito da imersão do filho do homem na linguagem. É preciso, pois, distingui-lo tanto do indivíduo biológico quanto do sujeito da compreensão. Também não é o eu freudiano (oposto ao isso e ao supereu). Nem tampouco é o eu da gramática. Efeito da linguagem, não é um elemento dela: ele “ex-siste” (mantém-se fora), ao preço de uma perda, a castração. (Tradução nossa) (p. 553)

De acordo com Balbo (2004), “as operações fundamentais de causação do sujeito” (idem, p.11) são a alienação e sua contraparte: a separação do Outro. Para Lacan, esse Outro consiste em um lugar tecido pela linguagem e de onde se transmite a lei que humaniza. “O sujeito *in initio* começa no campo do Outro, enquanto ali surge o primeiro significante”. (p.12)

De Lemos (1992, 2000, 2003) situa a aquisição da linguagem no campo discursivo e propõe que esse processo consiste em uma via de mão dupla, pois, à medida que a criança adquire a linguagem, ela se constitui como sujeito, ou seja, a aquisição da linguagem implica a constituição do sujeito humano. O reconhecimento da *captura* como uma noção fundamental à proposta de explicar a trajetória linguística significa atribuir à linguagem uma anterioridade lógica em relação ao sujeito que é “capturado por um funcionamento linguístico discursivo que não só [o] significa como lhe permite significar outra coisa, para além do que significou”. (De Lemos, 2002, p.55). Por sua vez, durante a sua trajetória de constituição subjetiva – o funcionamento linguístico captura a criança concebida como *corpo pulsional* guiado pela demanda e pelo desejo o qual não coincide, portanto, como o organismo guiado pela necessidade (De Lemos, *ibid*).

Em De Lemos, as noções de *captura* e de *corpo pulsional* aproximam, cada vez mais, essa autora da concepção de sujeito formulada pela Psicanálise. Essa aproximação a conduz à teoria lacaniana sobre o sujeito e, por conseguinte, a um retorno à Linguística Estrutural, notadamente aos trabalhos de Saussure e Jakobson, na medida em que os processos metafóricos – a operação de substituição de um termo por outro na estrutura – e os metonímicos – a operação de combinação ou contiguidade na relação de um termo a outro –



foram assumidos como fator explicativo das mudanças que ocorrem na criança concebida como corpo pulsional, da condição de não falante para a condição de falante.

O percurso linguístico da criança é, então, concebido em termos de mudanças ocorridas na posição por ela ocupada numa estrutura em que se relacionam três pólos: o outro (concebido como instanciação da língua), a língua (em seu funcionamento estrutural) e a própria fala da criança. De acordo com essa proposta, numa *primeira posição* (denominada *espelhamento*), *a fala da criança é constituída por fragmentos incorporados da fala do outro*. Em outras palavras, destaca-se, nas produções verbais infantis, o retorno de fragmentos de enunciados produzidos pelo outro em situações diversas, podendo esses enunciados convocar (metonimicamente) partes de textos anteriores. Na *segunda posição*, *cadeias verbais são convocadas (metonimicamente) na fala da criança e se cruzam*, produzindo substituições (*metafóricas*) entre significantes, em vários pontos imprevisíveis de tais cadeias. São essas *formas de funcionamento linguístico* que provocam a ruptura das cadeias verbais, dando lugar ao aparecimento de diversas produções verbais, como os *paralelismos*, os vários tipos de *erros* e *produções insólitas* ou *estranhas* cujo desaparecimento (paulatino), que caracteriza a *terceira posição*, coincide com a presença, na fala da criança, de pausas, reformulações, correções (provocadas pela fala do outro) e autocorreções. Assim, a presença de tais indicadores permite dizer que a criança se divide entre a posição de sujeito que fala e a posição de sujeito que escuta a sua própria fala. Convém notar que a proposta da referida autora sofreu várias modificações até chegar a essa formulação mais recente. No entanto, mesmo nas formulações anteriores (DE LEMOS, 1986), o reflexo especular nas falas da criança e da mãe (a especularidade) ocupava lugar de destaque, colocando em questão importantes aspectos da investigação da aquisição de linguagem.

Retomando a questão do autismo, especificamente no que concerne a obstáculos que se interpõem à trajetória linguística, assumimos que o espelhamento, embora proporcione a mudança, isto é, permita a passagem a uma outra posição estrutural, pode também, em algumas circunstâncias, fixar a criança à fala do outro, colocando dificuldades a essa passagem. (ARANTES, 2001) Nessa perspectiva, o espelhamento, ao mesmo tempo em que pode aprisionar, possui caráter estruturante. Supomos, então, que a rigidez das verbalizações do autista poderia, de algum modo, ser quebrada por algum movimento/mudança na fala do outro presente nessas verbalizações.



Dessa maneira, a ecolalia, as massas sonoras<sup>4</sup>, a canção infantil, as verbalizações e os truncamentos na linguagem apresentados pela criança deste estudo foram trabalhados como possibilidades de advento da linguagem na clínica fonoaudiológica.

Nesse sentido, falhas na circulação e dificuldade na tomada de posições diante da língua é que caracterizariam como rígida a fala do autista, atribuindo-lhe uma impossibilidade de constituição da linguagem. No entanto, pudemos perceber, nas manifestações verbais da criança em foco, pequenos deslocamentos quanto à seleção dos trechos ecolálicos e omissão ou inversões fonemáticas que podem significar uma reestruturação da linguagem ou uma circulação de significantes, atribuindo uma forma singular às verbalizações do autista.

## METODOLOGIA

Nossas discussões se estabelecem em torno de um estudo de caso, fruto do acompanhamento, ao longo de um ano, de 42 sessões fonoaudiológicas semanais com duração de trinta minutos, durante as quais observamos modificações na linguagem de uma criança autista, sexo masculino, seis anos e doze meses, submetida a tratamento na Associação dos Deficientes de Peixinhos – ADEPE, situada na periferia da cidade de Olinda, Pernambuco, Brasil.

Estênio<sup>5</sup>, a criança alvo deste estudo, iniciou acompanhamento fonoaudiológico aos seis anos e nove meses na referida Instituição; antes, porém, não fazia quaisquer tratamentos. Recebeu, aos quatro anos, o diagnóstico de autismo emitido pela neurologista da ADEPE. A criança trazia, como característica clínica, a hipercinesia, estereotipias motoras, olhar fugidio, fixação por atividades de empilhar, gritos, ecolalia, vocalizações.

A criança e sua família - composta por avô, pais e cinco crianças - residem no mesmo bairro onde se situa a Instituição. Estênio é o primogênito do segundo casamento materno, sendo o quarto entre os irmãos. A mãe relatou durante a entrevista clínica que apresentou depressão pós-parto e amamentou o filho por quinze dias para evitar que seus seios tornassem flácidos, arrependendo-se, posteriormente, e não repetindo esse comportamento com seu último filho.

---

<sup>4</sup> Termo usado por Frej (2005) em referência aos sons contínuos sem nenhuma modulação característicos das verbalizações do autista.

<sup>5</sup> Caso clínico retratado neste estudo, fundamentado no diagnóstico clínico de autismo e na presença de linguagem ecolálica e vocalizações. O nome da criança foi alterado para salvaguardar sua identidade.

As sessões foram registradas através de gravações em vídeo e áudio e analisadas após transcrições. Das 42 sessões observadas – durante as quais eram utilizados materiais específicos ao tratamento fonoaudiológico e elementos do contexto – foram selecionadas seis sessões, seguindo o critério de presença de ecolalia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de observações, transcrições e reflexões, a linguagem de Estênio sofreu intensas tentativas de significação, uma vez que a fonoaudióloga levou sempre em consideração a possibilidade de constituição da linguagem sustentada por um olhar diferenciado para as produções estranhas do autista, como podemos observar no fragmento abaixo, retirado da primeira intervenção com a criança.

- 1) **Fonoaudióloga:** /.../ Qué que você quer? Essa caixa?
- 2) **Estênio:** Caixa
- 3) **Fonoaudióloga:** Ou aquele outro jogo?
- 4) **Estênio:** (incompreensível)
- 5) **Fonoaudióloga:** Qual você quer? A caixa ou o jogo?
- 6) **Estênio:** Caixa ou o jogo?
- 7) **Fonoaudióloga:** Quer qual?
- 8) **Estênio:** Quer qual?
- 9) **Fonoaudióloga:** Qual você quer Estênio, diga. A caixa ou o jogo?
- 10) **Estênio:** O jogo
- 11) **Fonoaudióloga:** O jogo? Certo. Vamos pegar o jogo tá?
- 12) **Estênio:** Tá? (10s)
- 13) **Fonoaudióloga:** Tome o jogo.

Os recortes ecolálicos encontrados na verbalização de Estênio (linhas 2, 6, 8, 10 e 12) são tomados como significantes e usados na constituição da cadeia dialógica que a terapeuta tentou direcionar, permitindo que efeitos de sentido circulem entre os dois: fonoaudióloga e criança. O movimento realizado pela fonoaudióloga, marcado pelas tentativas de significação da ecolalia parece se aproximar da primeira posição elaborada por De Lemos baseada em suas observações sobre aquisição da linguagem infantil: uma incorporação pela criança de fragmentos da fala do outro, os quais retornarão para uma cadeia/texto e a antecipará como

falante. Tal movimento entre o todo e a parte de um discurso é fundamental no que concerne à aquisição da linguagem e, conseqüentemente, ao processo de subjetivação. Convém realçar que nos referimos a uma *aproximação* à primeira posição, na medida em que a fonoaudióloga procura acolher, como falas, as verbalizações do menino.

No trecho acima, a fonoaudióloga supõe, na reprodução de Estênio, um dizer do sujeito, contrariamente às observações de Oliveira (2006). Essa autora destaca, na ecolalia, a ausência de um outro que reconhece e acolhe os fragmentos das falas da criança em seu dizer, diferente da repetição presente na aquisição da linguagem proposta por De Lemos. Em outras palavras, Oliveira (idem, p.339) considera “a ecolalia como uma incorporação que não pode ser dita dialógica”, pois falas que não são afetadas entre si, não retornam para o outro.

Apoiada na concepção de Lacan, De Lemos reafirma em sua proposta que a presença da colagem à fala do outro só é configurada na primeira posição se estiver associada ao reconhecimento desse outro: a fala só é considerada como tal quando alguém acredita nela (LACAN, citado por PRADO, 1998). Desta feita, no trecho exposto acima, a fonoaudióloga reconhece a ecolalia como uma possibilidade de linguagem, no momento em que atribui significações às repetições de Estênio, conduzindo-as para uma cadeia discursiva que culmina com a inferência de uma resposta a um questionamento inicial: o que você quer? O jogo.

Torna-se importante destacarmos que esse movimento não altera a rigidez ecolálica de Estênio no que diz respeito à prosódia. Entretanto, as pequenas seleções do discurso realizadas pela criança com a perda de outros trechos podem configurar uma mudança em sua posição diante da linguagem ou revelar a possibilidade de a ecolalia representar um sintoma de linguagem. Desse modo, concordamos com o que Bender e Surreaux (2011, p.132) afirmam ao definir o sintoma de linguagem “como sendo uma posição que o sujeito ocupa na língua, como condição peculiar de um momento desse sujeito.” As autoras revelam que a linguagem comporta irregularidades que são próprias a cada sujeito.

Dentro da mesma linha de raciocínio, Usobiaga (2009) afirma que os autistas podem falar e pedir a sua maneira: repetindo palavras do outro, as quais, porém, ficariam em um domínio externo, permanecendo do outro, não sendo, portanto, inteiramente do autista. Embora concordemos com essa colocação, acreditamos que essas palavras seriam passíveis de interpretação, apostando na possibilidade do advir de um sujeito desejante.

14) **Estênio:** */.../O sapo não lava o pé não lava porque não quer ele mora lá na lagoa não ((cantando)) (3s) porque não quer mas que chu...Posso guardar?*

- 15) **Fonoaudióloga:** Tu queres guardar de novo? Tu pode falar, tu pode brincar. /.../ você pode fazer o que quiser. Queres fazer uma linha? Faz uma linha (2s)
- 16) **Estênio:** O sapo *não* lava o pé *não* lava *porque não quer*
- 17) **Fonoaudióloga:** Hoje tás afim de fazer linha *não* né?

A canção “o sapo que não lava o pé” (linha 14 e 16) marcou a fala da criança ao longo dos atendimentos por sua constância, questionando se não ocuparia o lugar de um discurso. Em outras palavras, ao admitir a existência de uma linguagem na canção (linhas 16 e 17), a fonoaudióloga pode supor em suas entrelinhas a recusa da criança, um sinal de emergência de um sujeito, significando o trecho “o sapo não lava o pé, não lava porque não quer” como “eu não quero”, em resposta à proposta de uma determinada atividade (linha 15).



Ao atribuir ao fragmento ecológico (linha 16) o estatuto de linguagem, possibilitou-se a entrada da fala de Estênio na rede de significantes. Percebemos, ainda, no exemplo a seguir retirado da 14ª sessão, um deslize nos eixos da linguagem, inicialmente representada por um trecho de canção e modificada para a expressão “qué não” (linha 24) e pelo uso do verbo fugir (linha 32).

- 18) **Estênio:** O sapo?
- 19) **Fonoaudióloga:** Quié que tem o sapo? Hein?  
((batidas dos livros na mesa e risos de Estênio))
- 20) **Estênio:** Hein?
- 21) **Fonoaudióloga:** Conta uma história.
- 22) **Estênio:** O sa ((batidas dos livros)) iiiiiiiiiiiiii
- 23) **Fonoaudióloga:** O sapo tava onde? /.../ Vai guardar? ((assobios de Estênio))  
Aqui ó



a ruptura das cadeias. Destacamos a substituição de palavras que resultam na produção de uma nova cadeia ainda que conserve vestígios das cadeias verbais anteriores. Tal fato caracteriza a posição de submissão do sujeito ao movimento da língua como menciona Carvalho; Avelar (2002).

No momento em que Estênio parece contradizer a orientação da fonoaudióloga (linhas 24 e 25), o discurso da criança surpreende e é estranhado pela terapeuta, provocando mudança de efeitos de sentidos na cadeia dialógica.

Em sua trajetória, Estênio também faz uso de aspectos pré-linguísticos como apontar, enquanto instrumento desencadeador ou mantenedor do diálogo, demonstrando o uso de novos recursos de linguagem, retirados da 14ª e da 42ª sessão, respectivamente (trechos A e B a seguir).

(Trecho A)

((Estênio coloca a mão na cabeça))

33) **Fonoaudióloga:** cortou o cabelo

34) **Estênio:** ÓÓÓÓI

35) **Fonoaudióloga:** *olha!* Ele cortou o cabelo!

(Trecho B)

/.../

36) **Estênio:** *i tia!*

((Estênio aponta para uma peça do jogo que caiu no chão))

37) **Fonoaudióloga:** vá pegar aquele

38) **Estênio:** aêêêÊÊÊÊÊ ÔÔÔÔ

((Estênio continua apontando para a peça))

39) **Fonoaudióloga:** *tô vendo vá pegar aquele*

40) **Estênio:** ((assovios))

((Estênio levanta-se, pega a peça do jogo e me entrega))



41) **Fonoaudióloga:** pronto

Entretanto, é necessário que o gesto caia na rede de significantes e contribua para a instalação dos diálogos, quer como apoio (linha 38 do trecho B) ou como discurso propriamente dito (início do trecho A e linha 36 do trecho B).





/.../

46) **Fonoaudióloga:** Posso guardar as bolas nessa caixa Estênio (8s)

47) **Estênio:** Quer guardar quer? Ali

((Estênio se dirige para a caixa da filmadora e dos materiais de uso fonoludológico))

Esses momentos de aproximação da verbalização do autista de uma linguagem situada nos interrogam sobre a possibilidade das estereotipias na fala serem tidas como uma possibilidade e não somente como um sintoma de um quadro nosológico, mas que necessitam de sentidos para desenvolver-se e constituir-se em linguagem.

Observamos que os lugares no diálogo estão instituídos, parecendo apontar para a presença do Outro representado pela terapeuta. Os temas e as trocas de turnos são respeitados e ainda percebemos que é o adulto quem repete a fala da criança dando-lhe significações e completando a cadeia discursiva.

Encontramos uma criança que toma iniciativa para o diálogo distanciando-se da imagem clássica do autista: aquele que **não** fala, **não** se aproxima dos seus pares, **não** aprende, **não** brinca.

Esses fatos se aproximam da terceira posição mencionada por De Lemos. As autocorreções, hesitações e reformulações desencadeadas pelo discurso do outro, realçadas pela autora como características da linguagem da criança nessa posição, são destaques no trecho a seguir (linhas 49 e 50), retirados da 14ª sessão.

48) **Estênio:** Eu *dô dô meu* Deus

49) **Fonoaudióloga:** Você é *seu* Deus?

50) **Estênio:** ee eu *sou seu* Deus

51) **Fonoaudióloga:** Você é *Estênio*

Estênio é afetado pelo estranhamento da fonoaudióloga tornando-se susceptível a correção (linha 49). É importante mencionar que a iniciativa da terapeuta não cai no vazio. Ao ser corrigido, Estênio retorna ao seu próprio discurso e faz reformulações que incidem sobre o interlocutor.

É o possível movimento de autoescuta que possibilita suas reformulações. Quando questionamos sobre o enunciado, mesmo que ecológico, talvez algo seja despertado na criança fazendo-a circular na linguagem retomando e refazendo seu discurso.

Uma das dimensões essenciais do fenômeno da fala, seja em suas formas patológicas ou em sua forma normal, é o fato de que o outro não é o único a ouvir aquele que fala. Quando o sujeito fala, ele se escuta, nos lembra Lacan, criticando a esquematização do fenômeno da fala pela imagem que serve as teorias da comunicação – o emissor, o receptor, e alguma coisa que se passa no intervalo. (VORCARO; NAVEGANTES, 2004, p.236)

O uso do pronome “eu” no trecho anterior, também nos chama atenção pelo caráter de constituição do sujeito que tal palavra traz. De acordo com De Lemos [s.d], os pronomes pessoais “constituem índices importantes de conversão do discurso do outro em discurso próprio” (DE LEMOS, *idem*, p. 4), revelando algo sobre o processo de subjetivação.

Através do uso do pronome de tratamento “você” (linha 51), assim como dos demais pronomes pessoais e da chamada ao nome próprio da criança, ao longo de todos os atendimentos fonoaudiológicos, distancia-se a criança da imagem colada a de uma outra pessoa e institui-se um local para Estênio, importante para o seu papel de interlocutor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dificuldade de entendimento de alguns trechos da linguagem de Estênio nos retorna à realidade do autismo que, na criança deste estudo, parece querer diluir-se na linguagem. O movimento de aproximação e distanciamento de Estênio em relação à linguagem, alude à possibilidade de saída do isolamento imposto pelo autismo. Observamos, então, que essa possibilidade de saída representada pela circulação singular da palavra é simultânea à presença de um discurso que preserva características da fala do autista: gritos, verbalizações, ecolalias e sons.

No momento em que apresentamos a ecolalia como possibilidade de linguagem, aceitamos que ela está passível de significações.

Sendo assim, sem desconsiderarmos o caráter de rigidez que prevalece na linguagem de Estênio, percebemos, em alguns momentos, a aproximação, o cruzamento e a reestruturação das cadeias verbais por intermédio dos processos metafóricos e metonímicos. Esse movimento da linguagem resulta na produção de outra cadeia que ainda conserva vestígios das cadeias verbais anteriores e possibilita olharmos para a ecolalia dessa criança como uma pedra fundamental no alicerce da constituição da linguagem.

Tornou-se fundamental para o êxito de nosso estudo a nomeação do sujeito, baseado na chamada ao nome próprio, instituindo o lugar do Outro no diálogo, diferenciando-se o “eu” do “tu”. O movimento de aproximação e distanciamento da verbalização da criança de uma

linguagem que aponta para uma possibilidade de diálogo, caracterizado por: alteração na prosódia, na qualidade vocal, no tempo de exposição, omissões, fragmentações do discurso e presença de novos significantes, permitiu-nos repensar sobre a possibilidade de constituição da linguagem do autista, com base em um olhar diferenciado para a ecolalia, considerando-a tanto em sua dimensão de aprisionamento, quanto de estruturação.

Nesse instante, foi fundamental perceber as tentativas da fonoaudióloga em busca de sentido para as manifestações da linguagem da criança oferecendo-lhes significações. Realizou-se um movimento de conter a deriva da ecolalia e construíram-se diferentes pontes - incluindo a possibilidade de identificação do autista com a terapeuta, que a permitiu passar de expectadora de uma fala para coadjuvante no processo de constituição da linguagem.

Acompanhando a trajetória de Estênio, atestamos deslizes na linguagem, circulação de palavras e prováveis mudanças, tomando como referência às posições formuladas por De Lemos. As flexibilidades na linguagem, dentro de um aparente quadro de rigidez, representam para nós, possíveis indícios da maneira como ocorrem as mudanças na linguagem de uma criança autista em direção a sua estruturação enquanto sujeito falante.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Lúcia Maria Guimarães. As Múltiplas faces da Especularidade. **Letras de Hoje**, Rio Grande do Sul, v. 36(3) 253-259, 2001.

BALBO, Gabriel. A língua nos causa: abordagem diferencial do autismo na psicose através do estudo do tipo de articulação entre o ouvido, o visto e o falado. In: VORCARO, Angela (org.). **Quem fala na língua?** Sobre as psicopatologias da fala. Salvador, BA: Ágalma, 2004. 301p.

BENDER, Scheila; SURREAUX, Luiza Milano. Os efeitos da fala da criança: a escuta do sintoma na clínica de linguagem. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, (42) 129-145, jun. 2011.

BOUQUET, S. De um pseudo-saussure aos textos saussurianos originais. **Letras & Letras**, Uberlândia, v. 25 (1) 161-175, jan./jun. 2009.

CARVALHO, Glória M<sup>a</sup> Monteiro de. La reconnaissance d'intentions communicatives de l'enfant: questions et impasse dans le domaine de l'aquisition du langage. **Le langage et l'homme**. Paris, França, v.47 (1), juin. 2012. <http://www.mariehaps.be/recherche-scientifique/nos-publications/le-langage-et-lhomme/sommaires/vol-47-fascicule-1-juin-2012/#c2533> Capturado em 29, mai 2013.

CARVALHO, Glória M<sup>a</sup> Monteiro de; AVELAR, Telma Costa de. Aquisição de linguagem e autismo: um reflexo no espelho. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v.5(3) 11-27, set. 2002.

DE LEMOS, Claudia Thereza Guimarães. A Sintaxe no Espelho. **Cadernos de Estudos Linguísticos** (UNICAMP), 12-28, 1986.

\_\_\_\_\_. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio. **Substratum**. v.1(1) 121-135, 1992.

\_\_\_\_\_. **Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição da linguagem:** um percurso e muitas questões. Universidade Estadual de Campinas. [s.d.]

\_\_\_\_\_. Questioning the Notion of Development: The Case of Language Acquisition. **Culture & Psychology**, v.6(2) 169-182, jun. 2000.

\_\_\_\_\_. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas/SP, (42) 41-70, 2002.

\_\_\_\_\_. A função e o destino da palavra alheia: três momentos da reflexão de Bakhtin. In: FIORIN, José Luiz; BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Mikhail Bakhtin**. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2003. 96p.

\_\_\_\_\_. Le saussurisme en Amérique Latine au XXème siècle. **Cahiers Ferdinand de Saussure**. Genebra, Librairie Droz, v.56, 165-176, 2004.

FREJ, Nanette. Da inscrição da língua à destituição da linguagem. In: **Encontro Nordestino em Aquisição de Linguagem**, 2005, Recife. Anais/Encontro Nordestino.

GARCÍA, Luiz Fernández. ¿Psicosis, Autismo, Asperger?. **Siso/Saúde**, Boletín da Asociación Galega de Saúde Mental. (48-49) 365-374. Invierno. 2009.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1963. 162 p.

JERUSALINSKY, Alfredo Nestor. **Psicanálise do autismo**. 2 ed. São Paulo: Instituto Langage, 2012. 293p.

KANNER, Leo. **Psiquiatria infantil**. Buenos Aires: Paidós e Psique, 1966. 747p.

KUPFER, Maria Cristina M. Notas sobre o diagnóstico diferencial da psicose e do autismo na infância. **Psicologia USP** [online]. São Paulo, v.11(1)85-105, 2000. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642000000100006>. Capturado em 27, mai 2013.

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. **Rumo à palavra:** três crianças autistas em psicanálise. Trad. Mônica Seincman. São Paulo: Escuta, 1997. 252 p.

LEMOS, Eva Rozental de Brito. **Aquisição da linguagem e contexto escolar:** levantamento de questões sobre a interpretação do professor. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. 223p.

OLIVEIRA, Mariana Trenche de. Reflexões sobre as falas ecolálicas e a interpretação fonoaudiológica a partir da discussão de dois casos de psicose infantil. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v.18(3) 335-344, dez. 2006.

PORGE, Erik. O sujeito do inconsciente. In: KALFMANN, P. **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise** - O legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996, p.501-510.

PRADO, Lucy da Silva. O caso Louise. In: MENGARELLI, Jandira Kondera. **Dos contos, em cantos**. Salvador, Bahia: Ágalma, 1998. 186p.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. 874 p.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. [1916] São Paulo: Editora Cultrix, 2006. 279p.

\_\_\_\_\_. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2002. 289p.

USOBIAGA, Elena. El autismo: “un combate activo”. **Siso/Saúde**, Boletín da Asociación Galega de Saúde Mental. (48-49) 437-449. Invierno. 2009.

VANDERMERSCH, Bernard. Sujet. In: CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. **Dictionnaire de psychanalyse**. Paris; Larousse, 2009. 602p.

VORCARO, Angela; NAVEGANTES, Lia de Freitas. A ecorporação de uma voz. In: VORCARO, Angela (org.). **Quem fala na língua?** Sobre as psicopatologias da fala. Salvador, BA: Ágalma, 2004. 301p.

VORST, C. Vander; WINTGENS, A. L'autisme en vingt ans... regards de deux pédopsychiatres aux pratiques cliniques différentes. **Cahiers de Psychologie Clinique**. Paris, v. **1(40)** 121-150, 2013.

ZUDDAS, Alessandro. Autism assessment tools in the transition from DSM-IV to DSM-5. **European Child & Adolescent Psychiatry**, 1-3, 2013.